

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

**ROCHA MARTINS**

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

## Fradique de Ferragudo

Os perigos da auto sugestão literaria — Os excitados da gloria e da elegancia — Parodias de um rapaz lido — Dos fantasticos camelos ds fantasticas republicas

O rapaz era de Ferragudo e chamava-se Manuel e vivia tanto pela imaginação ardente de bom algarvio que tudo nele eram miragens de cousas que nunca fizera. Com esse excesso de fantasia tão propria da gente do sul, a que gerou Tartarin, e, com um acrescimo de leituras, a que fundiu D. Quixote, ele adaptava-se tanto á ultima impressão colhida que a desejava gosar e embora não usufruisse reaes prazeres era como se os prelibasse. Exactamente igual ao que comia pão com o cheiro das iscas da Rua do Arsenal.

Enganava a sua alma, e, sem mentir, completamente emirajado, convencido, capacitado de que tudo assim lóra, ele narrava aos amigos scenas extranhas de seus sonhos, como grandes realidades, como se as tivesse passado. Assim eram amores com senhoras de alta sociedade num dia que a sua carne contacteara com uma arrancadeira de moliço por detraz de uma fraga; encontros com desconhecidos em que os descadeirava e imitava tão bem os doces arroubos e os violentos murros que os compatricios, tambem de imaginação desarvorada, deliciavam-se com seus deleites e espalhavam por todo o Algarve a fama do original ferragudense.

Jamais achara tipo em que se fixar; era conforme a sensação de seu momento ou a sugestão de sua leitura e assim, sendo umas vezes Tenorio e querendo pôr em pratica galanterias, outras endiabrado pagem de Fernandez y Gonzalez, ou ainda cura piedoso de Escrich, ele praticava, nos limites de Ferragudo, o possivel, durante algumas horas, para seguir seus modelos e assim se julgava saltando as janelas das recamaras para beijar labios de duquezas, ou patinhar na praia ou galgar um

rochedo para palpar alguma camponia vinda do banho; se decidia a pendurar latas nas portas dos vizinhos como se nos corredores dos paços reais de Madrid fizesse tremer os ministros graves, engolados de branco, encanudado sobre os fatos negros, ou, num arrependimento, julgando-se um grande criminoso, queria votar-se á igreja, obter o perdão de seus desvios tão mentirosamente avolumados como suas fantasticas incursões nos amórios e aventuras.

Levara assim a mocidade visionaria e tendo uma crise maior de alucinado remorso imaginou-se o capitão de cavalos D. Ignacio de Loyola e quiz envergar a roupeta, arrependido de seus pecados tão falsos como seus outros delirios.

Não se falou em Ferragudo senão no destino novo que o Manuelzinho escolhera e deram grossura a seus desvios como, na imaginosa cavalgada das scenas, nascidas de sua exuberante fantasia, tinham feito vulto a suas parfidinhas.

O pai era um homem serio, arrebatado como todos os da raça, e que ao metê-lo no seminário o ameaçara de lueiro se não seguisse a carreira, clamara que não era sua vida suada, a andar de quinta em quinta, a tratar de seus negocios de figo, a vigiar a factura da empreita para as ceiras, de molde a aturar-lhe caprichos. Havia de ser padre e, levado pela miragem, imaginava-se já paroquiando em Ferragudo, dando lustre á casa e nome á familia, com sua batina luzente e no dia da missa nova, entre a parentela, reffloriria todas as galas, faria um sacrificio de algumas dezenas de galinhas, mandaria vir os bons *morgados* — os dôces esplendidos de Lagos — e as ameijoas, os mariscos e a musica, o vinhinho dôce, para a pandega rasgada em que ele, Manuelzinho, de ares asceticos, começaria já a trilhar a estrada que o levaria ao bispado do Algarve ou ao ceu. E de chapéu na mão, apesar do sol ardente, na orla da praia, onde fôra desemboçar, arrebatado, já fraçava as venias do povo ao prelado: Senhor bispo! Senhor bispo! . . . e vozeava naquele cantarolado e dôce tom algarvio, que tem a prolongamento da onda a espriar-se e a doçura do figo lampo. A sua grande sombra estirava-se na areia, disforme, larga como a visão, suggestionante e cumprimentadeira.

A desilusão foi grande. O rapaz adorava o sol e eram frios os corredores do seminário. Desistia da corôa e do ceu; e tomado nesse tempo, por um modelo novo — o de Viriato Tragico — quiz ir para Coimbra, desancar futricas, alarmar de façanhas o burgo escolar e ser um desses advogados de fama que só ao abrirem a boca derrotam o adversario. Mas falhou tambem. Regressou á terra com uma desistencia, uma capa rota como os seus figos no verão e um olho esmurrado.

Não deixava, porém, de fantasiar. Pois se aquilo nascera com ele na manhã luminosa em que viera ao mundo! Teve que tratar da vida mas escanchado num macho a visitar herdades, mandando as passas para a seca, vigiando o regadio dos tomates que seriam encaixotados, gritando com os falueiros, recebendo os viajantes ou se sentia um guerreiro correndo a sua aventura ou um grande senhor mandando o seu povo, ou ainda um nababo disfarçado desvendando a existencia de um negociante de generos algarvios.

Até que chegou o dia em que jamais pode raspar da sua imaginação a personagem tão do seu agrado que em sua alma, em seus nervos, em seu sangue se incubara. Era esse o tipo ideal de seu pen-

samento, ali a aparecer-lhe real e vivo, sahido de uma pena illustre com brilho e com fragrancia, um semideus do nosso tempo, sem uma ruga na sobrecasaca e sem um gesto mais desordenado na vida, literato e grão senhor, tratando por tu os genios e escrevendo letras sentimentaes a mundanas e a princezas, em longas folhas de papel Watmann, custando-lhe doze e meio cada carta expedida. Deslumbrara-se e ensimesmara o tipo, amara-o, quizera ser ele, viver a sua vida irreal sem alterar seus modos e assim como D. Quixote se imaginou cavaleiro andante e Tartarin caçador de leões, o Manuel de Ferrugudo sentiu-se C. Fradique Mendes, a alta incarnação da originalidade d'um janota em busca do inacessivel na vida e na forma.

Foi por este tempo que teve largas conferencias com alfaiates, arruinou-se, gastou todo o lucro de um carregamento de amendoa e alfarroba, em duzias de gravatas de todos os tons e sedas, em lenços de linho de bainha aberta, nos quaes mandara bordar um *M* e um *F* que uns diziam significar Manuel Ferragudo mas que para ele, para o seu intimo, queria dizer Manuel Fradique. A sua imaginação galopava velozmente e em todas as circunstancias da existencia se interrogava, perguntava a si mesmo, na sombra larga e má das figueiras rasteirinhas:

— Que faria ele na minha situação? . . .

Sabia de cór paginas inteiras da *Correspondencia de Fradique Mendes*, lia-as aos honestos, perturbado, e como se as sorvesse cada vez sentia mais na sua carne a essencia de Fradique, na sua alma o ether de Fradique, no seu cerebro as moleculas de Fradique. Ele era a sua morfina, o seu cocainamento. Por mais que procurasse nunca o encontrava negociando em tomates nem fazendo o preço aos capa rota, via-o fundando religiões na Persia, mergulhando no babismo, givado de curiosidades pelos misterios espiritas e viajando na Patagonia á cata do inédito, sabia-o companheiro de Hugo diante dos rochedos de Guernesey e de Gauthier, num hotel do Cairo, mas jámais o sentira em ceroulas ou em traficos. Teve uns instantes de desgosto mas a impressão varreu-se lepidamente ao pensar nos fatos a vestir e nas quantias a dispender, no sortido de calçado de que carecia e do ar sceptico que lhe convinha. Mas Fradique tinha uma ancestralidade morgadia ilhõa; êle trataria da sua porque não condizia, em tamanho janota literato, uma vulgaridade de parentela. E, então, desejou que a avó — pobre e santa senhora, toda de rezas e de bondade — o tivesse mandado á escola com um vintem para bolos a fingir um pequeno romano das idades historicas. Lembrava-se do tio do seu modelo, Tadeu Mendes, que vivera em Paris com Persigny, Morny e o principe Napoleão, preparando o golpe de estado. Êle recuaria mais a sua familia; como não eram cousas que a historia propalasse, poderia muito bem ter sido nos plainos de Waterloo que um Ferragudo tivesse soltado a frase atribuida a Cambonne e que em Paris, em 48, diante de o verbo inflamado de Lamartine, outro ancestro seu num idealismo, á volta de um negocio de esteiras, tivesse aclamado a republica e gritado em bom algarvio: abaixo os Orleans!

Jamais se poderia desvendar, na treva do passado, se um dos seus emerdara os ingleses, ou se, em frente das Tulherias, algum dera vivas ao poeta das *Meditações* e lhe oferecera uma gota de moscatel nesse fevereiro de frio de democracia romantica. Armado com as suas andainas, empolainado, monoculado, mudando de gravata duas vezes ao dia

e pondo algumas do avesso, os pés apertados no verniz dos sapatos e tendo um trabalho enorme em vincar as calças, ele entrou a escrever, num galope imaginativo, trechos sensuaes e a mostra-los em segredo, como Fradique, sem animo de as publicar, dizia, mas olhando sempre de soslaio as portas dos editores.

Se êle se imaginava o autentico Fradique, resuscitado, bem vivo — chegara-se a convencer de que Eça de Queiroz o retratara na personagem, plagiando suas maneiras e narrando sua vida — o que é a fantasia meridional! — se êle assim se considerava, o acolhimento recebido na roda exacerbada dos literatos do *Martinho* ainda mais o convenceu que sua prosa era inimitavel e suas palavras tambem e dando largas ao verbo e ao sonho, Manuel de Ferragudo, traçou romances singulares ante os sorrisos gulosos dos outros, fabricou frases, decalcou gestos e era deste modo que nas tardes de verão, com o seu jaquetão azul, a calça branca curtinha, a deixar vêr a sua meia de seda, palmilhada de reforço para durar, batendo o seu sapato de laço á ingleza, que, de chapeu claro, mordiscava o cachimbo de barro a lembrar-se do *Chibouk* persa que, a paginas 21, o seu modelo arvorava.

Pagava largas e generosas rodas de bebidas que inventava e refrescando a clientela com licor de amendoas e limões gelados, ou com misturas de aguardente de figo e *vermouth*, afirmava então, sob aqueles olhos gulosos, seus ideais e seus desdens. Pegava, calçando previamente as luvas, em jornais republicanos, o *Mundo*, o *Pais*, deixava-os cair de alto, de beijo estendido, e perguntava: É daqui que sai essa republica? e afirmava logo, que ela viria suja, negra e ingramaticavel. Nanja que os usasse nem mesmo em horas humanas, após uma barrigada de figos frescos, mas sabia de seus pensamentos pelo creado. E assim como Fradique dizia «li no Smith», assim êle confessava: soletrei no Gregorio. Os novos literatos queriam, por sua vez, imitar-lhe os fracks e o sotaque, os consagrados se não lhe admiravam o genio creador na prosa, achavam-na suficiente porem pasmavam para o seu luxo.

Nunca deram pela contrafação do personagem tão presos andavam em seu modos, e como detestavam o Eça apresentavam o algarvio como o modelo das elegancia que o escriptor descrevia.

Êle, porém, perdera depressa a linha em que devia seguir, exagerara-a, fizera uma molhanga de caracoes á Ferragudo com vinho da Fuzeta e mergulhara nela esse superior Fradique, tão sobrio em seus gestos, tão digno em seus talentos, tão profundador em suas curiosidades.

Sobre a mulher — a copia — tinha opiniões diferentes, e até antagonicas com o original. Onde um queria delicadeza, o outro julgava ser sensualidade o requerido e blasonava egoismos de alcova em deboches incriveis, efeitos da miragem como sempre, na qual roçagavam camisas de seda do Grandela e incenso como nos amores da rainha do Sabá.

Fialho de Almeida quizera imitar, por sua vez, não a prosa mas os fatos de Ramalho. Ficara sempre um rustico de talento superior e de de trajos sarapantões e gravatas de noivo de aldeia enjoiadas como as de um merceeiro abastado. Sentia-se, por isso, feliz em passeiar-se com o decalque de Fradique e servia-se das suas bengalas Brito Camacho, apesar do seu sorriso escarninho e do seu ar desenxabido, muito ao acaso, de vez em quando, achava bonitos os seus aneis; os outros calavam-se e o algarvio fluente, como todos os seus conprovincianos, encompridava a fantasia e contava os seus amores — e que amores! — por toda

a parte e por todos os modos, em Sevilha, em Chypre, em Napoles, e êles, pasmados, atentos, vendo-o partir o cachimbo de barro e sacar logo outro da algibeira funda, atulha-lo duma mistura de charuto de picar, onça de francez e grãosinhos de alfazema, escutavam-no como a uma historia viva, ardente, pican'te, boa para entreter os ocios do café. E a fantasia não falhava, as imagens acudiam-lhe enquanto narrava suas sortes com femeas. Todas o amavam e desde a paixão duma algarvia que se envenenara com lagostins embebidos em sublimado, até á fuga duma freira do convento de Santa Clara, em Coimbra, não havia classe, feitio, modo, casta de mulher que não tivesse passado por seus braços; lindas, esplendidas, ricas, mendigas, rainhas... Nunca tivera lóra as feias...

— Rainhas! O' Manelsinho... — atalhava o Brito Camacho.

— O' jacobino, não se es quente... Rainhas, sim...

E Fialho, que amava o maravilhoso, acreditava, ficava pensando que o outro, no seu republicanismo, detestava o modelar elegante que assim depravava a realza. Enquanto á monja, êle bem sabia que idade tinham as freiras desses vetustos conventos.

Vinha, de seguida a descripção do encanto duma viagem que fizera para vêr outros soes e outras aguas — dizia êle — e do encontro sublime que se lhe preparara. Não ia colocar os seus generos mas palpitar a alma das cousas. E era ainda Fradique devorador do inedito.

Na noite clara ela adormecera. Esbelta como uma deusa, perdida no mundo e vestida por Paquini — acentuava o narrador — viajava sósinha. Guardava o seu nome de familia mas era duma grande estirpe italiana e chamava-se Elsa. Seus olhos tinham-se encontrado e não se desfitaram depois. Ao ve-la adormecida, êle, o Manuelsinho de Ferragudo, pé ante pé, como um fauno sobre o *spardeck*, pela noite dulcissima de meio, no Mediterraneo, de azul e de oiro, beijara-lhe o braço e fugira. Depois seguira-a, pedira-lhe amor que lhe viria dar, após a visita aos seus, num castelo distante chapinhado do sangue dos fusilamentos dos tempos do rei Joaquim. Não pudera passar a noite sem ir deambular sob as suas janelas, num poetico scismar aspirando o perfume das magnolias... E a imaginação não parava; êle bebera um copo do seu licor de amendoa, figo e alfarroba — o cacharolete provincial destilado em sumo de laranja — quebrara outro cachimbo de gesso e atacara a parte tragica de seus amores. O castelo estava em chamas, a parentela morrera, e, ela tambem: Só restava a carbonisação desse corpo de deusa, escultural e niveo, de Juno perdida no mundo, e vestida pelo Paquin — e, intacto, o braço que ele beijara, como se os seus labios o tivessem santificado. Passou o lenço pelos olhos, espalhou em volta um aroma de rosmaninho, infusado em agua de Colonia, e, fixamente, pôs-se a olhar o creado que trazia gasosas para a freguesia réles.

Camacho não se conteve e exclamou:

— Olhe se você a tem beijado noutro sitio mais recatado...

Torceu a bôca desdenhoso, achou-o incapaz de remoêr o sublime, mandou-o palavrêar nos comicios. E que cheiro que la devia pairar... Que ficara sempre o J. Teixeira de Azevedo — do negregado Eça — ligado-dinho á «austeridade da nodoa».

Mas o outro acudia a fazer a paz, a fingir acreditar nos seus delirios e a interrogá-lo acerca da rainha que amara, já todo ancho, por desacreditar esse sangue real no *Ao de leve*, da *Lucta*.

Confidenciava, então, tratava-se duma soberana *tuareg* e possuiria-a sob uma tenda de pele de bufalo no deserto.

As suas viagens em Marrocos, para colocar figos e gafanhotos prensados apareciam, já, no seu deslumbramento, como correrias maravilhosas, em camelos, por sobre finas areias, levando nos braços uma rainha engargantilhada de corais a que chamava rubis e cujo suor lhe parecia exalar um perfume de sandalo. Ela era soberana da tribo dos Targui e chamava-se *Azgher* . . . Assim recomeçou a sua nova historia, naquela tarde do Martinho e deste modo se firmou, desde o café até á Monaco, onde Gualdino Gomes parava sua critica, a fama de Manuelsinho de Ferragudo, o parodiante de Fradique, copiado com a mesma arte dum brocante a trasladar Ticiano, e foram falados seus amores libicos em ardor, suas aventuras incriveis em romantismo, seus cachimbos e suas meias, seus ancestrs cambronisando em Waterloo e algaraviando diante de Lamartine.

Então como se domára esse republicano idealista que vendendo, em 48, os tomates vermelhos e os figos verdes, simbolisou, numa preadivinhação, a bandeira do futuro? Como se obtivera desse jacobino poetico que deixasse o filho embainhar-se numa sotaina? E como se conjugava essa educação liberatona com aquele desdem pelas gazetas de França Borges e do Meira e seu horror ao suor destilado nos comicios?

Era preciso profundar. Mas como, se todos andavam na bebedeira do cacharote e das miragens? Ninguém indagava se da Legião Portuguesa algum official ficára ao serviço do imperio até ao fim como ninguém queria saber se ardera o castelo da sua bela; não se ia até inquerito dos camelos nem das soberanas lascivas e mouriscas. Ele o espalhava; estava certo. Lisboa carecia do seu Fradique vivo e embora saísse, como este dizia da cidade, uma personagem «aliteratada, afadistada, catita e conselheiral» deixavam-no prosperar.

As fantasias do Manuelsinho de Ferragudo passaram a ser realidades como para os tarasconeses as aventuras de Tartarin e para D. Quixote o seu encontro com os gigantes. Durante tempo falou-se das suas polainas e dos seus cachimbos. Depois esqueceram-no. Os amigos diziam-no a comboiar caravanas no Sahará, vestido de albornoz, para receber o ineditismo da pirataria das areias, os que se viam a miudo explicavam que comboiava milhões de ceiras de figos.

As suas grandes viagens pela Alemanha, onde dizia ter ajoelhado mudo, e bebado de pura arte, ante os quadros que o enlouqueciam, trouxera magnificas prensas para extrair a aguardente da alfarroba. E nas suas sensualissimas noites de Sevilha, com suas excitantes visões ante os altares goticos adquirira uma rica clientela para as estrelas de amendoas e caixas de passas, mas no fim, traduzido tudo aquilo em dinheiro, dava para mais gravataria e em literatura para mais basofientas fantasias.

Quando chegava a encontrar algum conhecido doutros tempos recordava suas peregrinações pelas Africas ardentes, desdenhava do feitio das botas do senhor Camacho, esboçava troças a quem lhe puzera o alcuha de Fernão Mendes Minto—a parodiarem o Fernão Mendes Pinto das viagens singulares—e concluía:—Enfim, Fradique tambem era Mendes.

Embebendo-se assim na personagem acabava por sentir, na verdade, o que exprimia: o seu desdem pela rua e pelas ceroulas de atilhos, o seu horror pela democracia e pelas gravatas de nó feito, o seu tédio

pela imprensa vermelha e pelas botas de elastico, o seu aborrecimento pela turba e pela lama lisboeta. Preferia monturos mas estrangeiros formados pelo lodo de todas as civilizações e dizia isto desvanecido, radiante, abanando-se com o chapéu de côco para mostrar o forro onde se lia o nome dum chapeleiro de Regent Street.

Jámais podem despegar-se daquelas atitudes e com a velhice as suas fantasias aumentaram. Somavam leguas postas a par. Amores sem fim e aventuras sem par, regalos de impossiveis, tudo quanto Fradique não fizéira, não gosára, não chupára, cousas com que ele não se arreapára — dizia alongando as silabas numa dolencia de declinio cantarolado.

Já não falava sem ensandwichar d'inglês as cousas mais banais e arvorando gravatas vermelhas dizia adorar o sobrio.

Deixava — em seu entender — Fradique muito a perder de vista.

Identificado com este tipo admiravel ele sugára o que a sua existencia lhe mandava tendo tanta imaginação que se via besuntado de sublime. Apossára-se das suas casacas, dos seus modos, das suas pelicas, dos seus cravos, das suas ideias, dos seus gestos mas tudo isto — ai dele — ainda conforme Fradique dizia de Lisboa: — «traduzido em calão».

Arredondára o seu peculio, gastára com conta, fazendo sempre o gesto de quem prodigalisa e numa dupla personalidade de janota e de negociante, de literato e de comanditario, de elegante e de banal, de futil a fingir como em todo o resto, por alucinação, por monomania, ele julgára deslumbrar os outros e arrancára apenas uma exclamação sentida que lhe saía bem, porque vinha ainda dele, desse modelar Fradique, quando Eça, desencantado abordáva à porta do Central, após um *shak hands* do autor das *Lapidarias*:

E aquele desabafo — a paginas 34 — consolava-o todo. Nunca o tinham enfradicado tanto.

Regressando de Londres, num final de junho ardente e caindo em Paris, desdenhoso, fôra mostrar um córte novo de *frack* no *boulevard* que o não vira. Então, alguém, lisongeando-o, preguntára-lhe fingindo enganára-se no nome do Manuelsinho de Ferragudo:

— Fradique, que faria você se o fizessem presidente numa republica?

Meditou um pouco no que responderia o autentico, revirou-se a mostrar o talhe novo do trajo e volveu no seu inglês lento, de *lord* — Venesa já não tem doges; o Directorio acabou ha um seculo em França, a de Pericles, o Olimpico, ha muito é pó sob os passos brutos dos modernos gregos constitucionais do senhor Venizelos... São estas as republicas dignas dum homem de forma e de beleza pelo seu culto do extranho, do grandioso, do sublime...

— Deixe-se disso... Eu digo, por exemplo... Da republica de lá... E apontou para a *gare*, num gesto largo que saltou os Pyreus e a Espanha, as alfandegas raianas, o maravilhoso e o pifio:

Lentamente, volveu: Ah!... Sim... E' preciso ateniensa-la... Dar aos capacetes da guarda republicana uma forma de figo maduro...

Passou o lenço encharcado em alfazema, cortada com verbena, na testa perolada e começou: Era em Athenas e eu diante dela... Falava duma das suas fantasias do eterno Iemenino e o interlocutor, pensando na politica, imaginava aos pés duma republica, aquele a quem os invejosos da sua maxima gloria chamavam «Fradique de Ferragudo».

## Os nababos da moagem

O novo regimen do pão — O ministro e os grandes ricos — A situação dos moageiros diante do consumidor — Uma comissão de inquerito perdida — Os sortillegios da masseira

Apareceu um ministro da agricultura de quem não tenho o direito de duvidar. O senhor Joaquim Ribeiro, que como militar comandou tropas contra Sidonio, como politico tem uma apreciavel qualidade: a franqueza.

Causou-me admiração a chamada do sr. Ribeiro para o gabinete e a não filiar essa ascensão na frase do senhor Bernardino Machado «o nosso Silva depois de devorar os democraticos devora os independentes» não vejo onde o presidente do ministerio foi procurar razão — que a êle lhe sirva — para entregar uma pasta a pessoa incapaz de o acompanhar em seus equilibrios.

Falou varias vezes ácerca da moagem o actual ministro da agricultura; encheu-se de razão, agradou na singeleza da sua oratoria, colocou-se na situação de um homem, decidido, por todas as formas, a dar o seu combate.

A moagem, que tem consumido milhares de contos de reis, deve ter encontrado o seu adversario e desta vez não haverá maneira de conseguir, por seus processos inconfessaveis, uma vitória das suas, das que tem arruinado o país e enchido de magnificos palacios Lisboa e arrabaldes.

Antigamente, quando reinava o senhor D. Miguel, e os fidalgos — à excepção de Cadavaes e Lafões — mergulhavam na mediania, magnificencia que se visse escusava de se perguntar a quem pertencia. Era do contractador dos tabacos. Êle era o nababo.

Nessa epoca os moageiros levavam uns miseros moleirinhos que ao som dos buzios do seu velame passavam a mais doce e a mais humilde das existencias triturando o bom grão para o alimento dos trabalhadores e dos ricos. O pão divino, vindo da terra bemdita, era ainda produzido pelo vento do ceu e o moleiro, não enriquecia, vivia e morria tendo que comer e vendo apenas palacios alheios quando guiava as suas azemo-las carregadas de farinha. Os dos contractos dos tabacos tornavam-se milio-narios, mas como exploravam os consumidores de um luxo nunca houve contra êles o odio formidavel que acompanha os grandes senhores da masseira.

Hoje a moagem possui tudo, compra tudo, edifica fabricas à nossa



custa e cada vez que se lhe faz um ataque é como se tocassem no invulneravel. Ele é a falange dos nababos.

Largamente se tem enchido a moagem, e tanto que para dar uma satisfação ao que se convencionou chamar «opinião publica», essa zurradeira que não escoucinha, se nomeou uma comissão de inquerito aos lucros dos cavalheiros dessa classe.

Calculo a estas horas, os inquiridores mortos, sufocados, com as bôças atulhadas de massa, a ponto de não poderem dizer o que presenciaram, pois nunca mais aqueles militares e agronomos, deram azo a que os julgássemos deste mundo.

Calcula-se o passo sucedido aos desditosos. Nas fabricas que percorreram existem tantos alçapões como nos palacios misteriosos dos contratadores dos tabacos miguelistas se cavavam subterraneos para a passagem do contrabando. Foi, certamente num deles, que a comissão inquiridora caiu. Torna-se necessario pesca-la e se já estiver tão emmassada que com as camadas sucessivas, tenha o ar estúpido das más formas petrificadas, haveria talvez vantagem em a desbastar nas arestas vivas de qualquer fortaleza.

Ao ministro julgo não falhar energia; fala já em acabar com o pão politico e em conceder a livre importação de trigo, já se vê após a compra do nacional existente, e tambem—ao que parece—já se segreda um monopolio dos detentores das maquinas para aumentarem o preço do pão. Nesta altura é o governo quem tem a faca para o cortar conforme quizer. Na hora em que a responsabilidade dêsse encarecimento caiba aos moageiros, elles pagarão, sem duvida, todas as vantagens até agora colhidas.

E' excelente a idéa do senhor Ribeiro; os primeiros a aplaudi-la são os proprios contra quem ela se ergue, pois confiam em lucros bastos e numa impunidade perpetua. Acabado o pão politico fica o pão do comércio e da industria.

E' melhor assim que andar pedir contestante a quem no-lo der mau como á comissão perdida nos dominios da masseira.

## Porque não o reconheço

**O que é o parlamento — A burla das eleições  
Psicologia do partidario — Uma vontade só  
sobre as do bando — Resposta a uma carta  
delicada**

Entre as censuras e elogios que apareceram esta semana na minha correspondencia não posso deixar de responder a uma. É aquella tão cheia de delicado escrupulo na qual se diz ser necessario esquecer o primeiro magistrado da nação, deixa-lo na sua grandeza «como um idolo em seu misterio». Trata s. ex.<sup>a</sup> de simbolo e, com elogios imerecidos, aponta-me como um manancial de paginas severas a Camara dos Deputados e o Senado.

A pessoa que me escreve coloca-se na situação de quem adora um santo — ou pelo menos o deixa em paz — e tem uma enorme repugnancia por quem o fabricou, quem lhe deu a essencia e a auréola, o atirou para a intangibilidade do tabernaculo.

Onde é que se elegem os presidentes da republica? No Congresso tão detestado pelo meu correspondente. E como se forma essa assembléa? Da burla a que se chama o sentir da nação.

Os individuos que em S. Bento se consideram representantes do povo não o são, por vezes, nem de si proprios. Devem a cadeira onde florescem, como cardos num vaso de faiança, ao favoritismo e à batota.

Representantes legitimos do povo não existem em Portugal, a não ser os das oposições e ainda assim quando não fazem acôrdos com o governo, porque já se tem visto este caso singular, de em certos circulos eleitoraes os maiores inimigos dos dirigentes juntarem-se com êles para derrotar terceiros. O resto — isto é a maioria da Camara — fabrica-se no Terreiro do Paço pelo telegrafo.

A qualidade do eleitor respeita-se tão pouco que, ainda ha pouco — num simples sufragio municipal onde fui votado — assisti ás ameaças de energumenos que — em plena capital — afugentavam à paulada os cida-

dãos, como consentimento dos governantes e até com a sua cumplicidade. A consciencia da maior parte dos que votam — e devo dizer ser apenas o decimo do eleitorado inscripto — é tambem muito elastica e daí poder-se acreditar tanto na legitimidade do seu querer, do seu pensamento, como na sinceridade que leva os seus chefes a serem hoje democraticos, no dia seguinte nacionalistas, depois reconstituintes ou antes afonsistas, camachistas, alvaristas, porque os homens entre nós — com raros casos de citar — não seguem principios mas encoleiram-se a outros homens.

Isto tudo — inicio do politico — parte de uma simpatia ou de um favor. Não se era, antigamente, progressista ou regenerador por diferença de principios, por cartel ou programa divergentes, mas em virtude de afinidades de familia, encontro de interesses ou gratidão a obsequios. As ideas dos partidos divergiam apenas em se assacarem maldades e erros conforme se estava ou se apetecia o poder.

Agora é o mesmo, ou antes, é peor porque os partidarios daquele tempo fixavam-se mais e os representantes que levavam ás côrtes tinham varias incumbencias ás vezes até de asneira, mas não elegiam o chefe de estado.

Para se poder acatar um individuo saído do sufragio de outros que obedecem à vontade de um chefe vindo do acaso, de fanaticos costistas ou doutra côr é necessario pensar como êles e vibrar na sua idolatria ou no seu interesse. Ainda ha dias — exactamente quando da eleição do actual presidente — se deu um facto definidor: o da escoria democratica, a ralé do nucleo que se bateu outrora contra Sidonio e em prol do sr. Bernardino Machado — tornado o seu trofeu — apupar quem defendia exactamente este candidato. Chegaram a soar ameaças de morte.

Porque se deu este facto singular? Porque o partido democratico — que tanto falou em reparações ao presidente, demitido violentamente, mudou de ideas? Não, porque nunca as teve. Quem se encarrega dessa tarefa em seu nome é o seu chefe. O resto não tem cabeça senão para pôr o chapéu e alguns dos supraditos para coçar uma fauna adventicia.

Eis a que fica reduzido o sufragio. A um homem ordenando a outros; isto é, à mentira a que se pretende dar fóros de legalidade.

De dia para dia me vou desprendendo mais de preconceitos e enchendo-me do desejo de dizer as cousas claramente, tomando delas as responsabilidades, no dominio do logico e do humano, procedendo apenas conforme me dita a minha maneira justa — tanto quanto possivel de pensar. Libertei-me, ou antes, espero totalmente libertar-me.

Por isso não aceito essa falsidade de umas duzias ou peor ainda de uma centena de individuos de certa representação exterior mascarar-se de gravidade e de altivez para ir deitar numa urna um papelinho que é um frete.

Acaso os que lançam esse voto tem a faculdade de escolher, por seu

alvedrio, o candidato? Não. É o chefe quem lho impõe, quem lhe indica o gesto a fazer e o papel a levar para o parlamento. Daí a burla maxima que se iniciou quando se mandou para aquele recinto quem não é verdadeiro representante do povo.

Ha um decimo do eleitorado arregimentado ou arrebanhado, que os eleva. São os soldados uns, outros os carneiros de uma chefia [ou de um maioral. Por sua vez se metem na mesma categoria os escolhidos e, nunca mais esses *liberaes*, esses *republicanos*, esses *homens livres* teem uma idea sua para vingar, uma expressão propria para arvorar como um estandarte, um berro bem do intimo do peito para soltar. Os que fazem isto teem logo o castigo que se dá aos rebeldes, aos insurrectos e jamais — com o concurso de quem dicta leis, do dictador que finge pruridos de legalidade — roçará as calças pelos *fauteuils* parlamentares nem colherá o pingue subsidio que a si proprios — sem direito algum — votam defraudando a nação.

Temos, pois, de um lado um bando obediente e servil salamalequeando em frente de um homem poderoso, do outro este, num ar de quem os manda pensar à vontade, ordenando-lhes baixinho que cumpram a sua ordem, respeitar o seu candidato. E como elles carecem de categoria, de vencimentos de lista civil, de influencia são capazes de eleger o *Cautelleiro Fardado* ou o *Pinguinhas* se o amo tiver a fantasia de os escolher como Caligula elevou ao consulado a sua montada, o celebre *Incitatus* que, ao menos, era um formoso cavallo e emparelhava bem com os senadores tão de rojo que o aceitavam no collegio afim — ao que se depreende — de comerem na sua mangedoura.

Eis as razões porque eu encarando assim o Parlamento e tendo apreciado as revelações dos jornais ácerca desta eleição não vejo motivo para me curvar diante de quem não sinto meu representante, mas o producto de uma vontade geradora de todos os males nacionaes, o seu escolhido, o presidente não de uma nação, mas de um partido, ou antes do seu patrão.

# Os macacos dos dictadores

**Os imitadores — As contrafações politicas —  
Tipos inadaptaveis — Mussolini ou Lenine? —  
A desnacionalisação.**

Manifesta-se em Lisboa um estado de intranquilidade. De quando em quando fala-se de uma conspiração. Uma vez é o exercito numa efervescencia, outras os comunistas num formigueiro. No meio o governo pendula. Prendem-se individuos duma e doutra facção; os que querem um dictador de farda, os que o desejam de blusa, porque, no fundo, a questão é esta: o dictador. Ha quem imagine um Mussolini mandando brotar a ordem como Moysés fazia linhar os rochedos. Ha quem pense num Lenine demolindo a riqueza particular como Jupiter fulminava com o seu raio. São tudo imitações grosseiras e impossiveis, traducções de alucinados que tem passado a vida a parodiar figuras historicas doutros povos como no entrudo surgem os Napoleões, os Luis XIV e os Cromwell com cabeleiras de teatro e guarda roupa do Cruz.

De resto, a vida politica portuguesa foi quasi sempre, essa contrafação exquisita do que se passava no estrangeiro, sobretudo em França, tornada o modelo apenas nos seus actos exhibicionistas e teatrais. Portugal, país onde não ha teatro nacional, importa-o porque o ama nas suas canções, nas suas tiradas, nos seus trajos, nas suas dôres, nas suas grandes scenas, Como não tem idéas importa-as tambem, e chegam quasi sempre avariadas. Os nossos homens publicos, são, sobretudo desde 1820, parodias, titeres, arremedadores, e como em todas as falsificações aparece a lambusadela, o som a ôco, o falso, assim eles entram nas paginas das cronicas, todavia com ares diferentes, porque elas são erradas tambem. Arreglos com uma tartarinesca enfase a capea-los, tais tem sido os politicos nascidos em autentica macaqueação, mas tão sentida que faz pena não ser original. O portuguez é um assimilador e excita-se tanto ante o que diz que o julga original. Ha traductores mediocres de obras

de arte, que nos perguntam, a serio, se já vimos a sua peça; rapsodistas que nos pedem as impressões sobre a sua musica, copistas que nos interrogam sobre o seu quadro e cerzidores de frases historicas, diluidas em palanfrorio, que se julgam autenticos creadores. E' a miragem, é o sol, é a educação falha, é, sobretudo, a falta de autocritica; é a eterna visão de D. Quixote julgando-se cavaleiro andante como os Roldões, e a do pobre tradutor imaginando-se autor das peças de Bernestein.

Em 1820 os de *Synhedrio* falavam como na Convenção Franceza, evocavam os Grachos e os Scevolas. Usavam casacas hirtas, em briche, de grandes golas com botões luzentes, bofes de renda e cabeleiras à Titus, a mesma moda de Robespierre que morrera, havia um quarto de seculo. Pareciam actores representando uma peça historica e emperrando nos papeis.

Seguem-se os movimentos, vem a evolução; a Europa, toda atordoada ainda pela epopea, quer restabelecer-se e surge da America, num rompante, fazendo um grande ruido de esporas e de espadas, um principe a tomar atitudes bonaparticas. D. Pedro é um soldadão que pensa ser Cesar.

E bem nacional, sem imitar ninguem, sem ter podido adaptar-se aos modelos extranhos, ficando sempre toureiro, barulheito, bravo, romantico, agora rei logo povo, existia D. Miguel,

Amavam-no, em Portugal, porque êle consubstanciava o pensamento da raça do seu tempo.

Depois surgem as farofias das assembleias, os ilusionamentos não param. Manda-se vir de França os figurinos para tudo; as damas usam os chapéus de *cloche*, em palha, com fitas á cara, e os politicos a rethorica dos ultraliberaes. Os Passos são canarios franceses fugidos da gaiola dos romanticos que iam fazer a segunda republica. Costa Cabral é um enxerto de convencional e de positivista. Um melro da raça dos Guisot ao gritar: *Enrichissez-vous!* O nosso enriquecia-se, e aos burguezes, sem gritar. Saldanha é um *condottieri* à Lafayette, o soldado liberal da época. Palmela é um diferenciado do typo francez, preferindo adaptar-se aos usos britannicos; abusada rigidez e não vê ardente em demasia a sua terra para plantar nela arvores dos paises das brumas. Copia ainda, e depois, daí por diante, traduziu-se tudo em giria. Não ha mais um portuguez pensando à portuguesa, querendo profundar bem na sua historia, a vêr o que lhe convem, qual a sua tradição. Basta procurar as raízes dessa vida antiga, romana, municipalista e encarreira-la no progresso. Existe o codigo simplista do passado a aplicar ao presente. Havia leis para tudo, contra os gananciosos de dinheiro, contra os açambarcadores; para os abusos do poder e para os que não cultivavam as terras, para os vadios e para os exploradores. O mundo era outro, mas os homens cometiam os mesmos crimes. A morte que se lhes dava legalmente, era, por vezes barbara, porem

hoje, mata-se mais barbaramente ainda. E' preferivel saber-se como se enforcou um moleiro que envenenava o povo, no tempo de D. João II, com todas as regras, do que se ter conhecimento do lançamento duma bomba, arbitrariamente, no palacio de um moageiro.

Porque todos os estadistas copiam, se entoxicam de estrangeirismo é que perdemos a individualidade, nos divorciamos do fundo popular que já dança a valsa dos *apaches* em vez do seu baile de roda como os politicos deixam crescer as barbas e o cabelo à Poincaré ou à Lloyd George e os conspiradores sonham uns — os conservadores — com um ditador à Mossulini, outros — os extremistas — com um commissario do povo à Lenine. Nenhum pretende um chefe bem original, bem português, com suas idéas, suas qualidades, seus defeitos, capaz de aplicar uma corrente nova sobre idéas antigas, tão livres e tão justas, que davam aos municípios regalias que nenhum parlamento lhes concedeu.

Para os que escolhem o tipo Mussulino, este aparece-lhes fero e audaz, romantico, numa camisola negra, metendo na ordem os operarios, destruindo o poder maçónico, sendo mais do que o rei na sua pele de antigo mestre escola, braço de ferro, longo e poderoso, com uma garrafa de oleo de ricino geradora de convulsas agonias deflagradas em contorções picarescas das tripas dos inimigos. E imaginam já o senhor Antonio Maria da Silva, lívido, esverdinhado, de mãos na barriga, correndo para o sub-solo do Rocio, perseguido por uma turba chasqueadora, vestido de camisola côr de trevo com enfeites de tibias, os graus, porque o português, mesmo quando conspira, présa a exhibição e adora a hierarquia. Quantos *chefes de choça* não inseriram essa qualidade nos cartões de visita quando a republica venceu?!

Os propugnadores do tipo Lenine entreveem-no nas Necessidades, cercado de guardas vermelhos, barbaçudos e desdenhosos, lançando grandes fumaças dos cachimbos para as senhoras, modesto em sua blusa, a mandar o povo e comendo na baxela Germain depois de ter mandado fusilar uma duzia de banqueiros, e de declarar morta a propriedade privada, a reunião de todos os bens na mão do Estado e os camaradas, livres na terra livre, trabalhando quatorze horas para o bem comum.

Não ha mais criterio nacional. Ninguem se lembra que os marmores de Carrara não existem no sub-solo de Pero Negro e que as minas de prata dos Uraes não eram possiveis na geologia da Serra da Estrela; não se reflete que a transplantação de um desses abetos do norte, habituados aos pingentes da neve, para a Tapada da Ajuda seria o seu fim, ou que pretender pescar as grandes moreias, tão gulosas de carne humana, num lago do jardim botanico seria cousa impossivel.

Tambem, em Portugal, por motivos eguaes, que estão no animo da raça, no feitio do povo, na indole da nação, não são adaptaveis os ditadores daqueles tipos antagonicos mas que só podiam florescer na Italia

das sociedades secretas, sem copias e sem parodias, e na Russia de um religiosismo exacerbado que leva ao misticismo e de tudo faz religiões.

Quere isto dizer que todas as tentativas no genero, que erradamente, se julga conservador — o de Mussolini, que não é senão um politico de equilibrio entre a grande luta moderna, a do capitalista com o produtor ou as feitas no sentido de elevar o ditador seu antipoda. Lenine mysterioso do Kremlin são outras parodias como as anteriores arranjadas com tanto criterio como seria o dos arquitetos que quisessem edificar cathedrais sobre as crateras do Etna ou do agricultor que pretendesse crear ananazes na Siberia.

Cada povo tem a sua caracteristica de governo. A' França pretenderam, com duras leis, roubar-lhe a fé catholica, surgiu a sagração de Joana d'Arc e os generais juntos com os bispos ajoelhando nas naves. Regressou, com mais intensidade, ao culto que estava na sua alma. Não se pode adaptar um sentimento. E' possivel incisar pernas num reptil mas não lhe servirão para nada assim como uma ave sem as suas azas morre arfando num canto.

A enxertia nos povos é a desnacionalisação.

Perguntar-me-hão, agora, se eu não vejo a necessidade duma revolução no nosso meio, se não a desejo mesmo, se não a aplaudo? Estranharão se lhes disser que a detesto? Pois é assim mesmo, desde que seja feita sob um molde determinado, para nos imporem uma anomalia como seriam essas atitudes dos dictadores que não caberiam na alma popular. São eles — segundo uns — os unicos que preocupam os que conspiram. Naturalmente, como os homens de 20, esses ideologos carrancudos que falavam dos Grachos e parodiavam Danton, já uns se tratam, entre si, uns por Mussolini da Costa e outros por Lenine da Purificação,

E, no entretanto, talvez se deixe passar o grande momento de salvar a nação metendo na ordem, que só pode vir duma melhor distribuição das riquezas, os que alucinadamente as desejam aniquiladas e os que ofendem e desafiam, gosando-as, num desprezo pelos que lhas ajudam a crear.

Para isto bastava alguns portuguezes sem terem a preocupação de imitar os inimitaveis, aqueles que podem ser homens de um acaso feliz mas que o serviam, até agora; com genio.



